

GENEALOGIA E CRÍTICA DOS VALORES EM NIETZSCHE

GENEALOGÍA Y CRÍTICA DE LOS VALORES EN NIETZSCHE

Francisco Alvarenga Junnior Neto*

RESUMO:

Na construção de seu pensamento filosófico, Nietzsche tem como objetivo precípuo questionar o valor dos valores. Para tal, o filósofo discutia sobre a validade da tradição greco-medieval, remontando às suas origens, visando fundamentar a crítica por ele elaborada em relação à moral vigente. A esse respeito, Nietzsche defende que a tradição que se consolidou, permeando toda a história da humanidade ocidental, caracteriza-se pela desvalorização da vida presente em nome de ideais póstumos que acabam por nos afastar do nosso “eu” real. Este trabalho procura demonstrar como sua análise crítica da moral ocidental é válida e possibilita, por meio do ato genealógico, uma mudança na concepção do que é o homem e, com isso, uma nova valorização da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Ato genealógico. Desvalorização. Moral. Nietzsche. Valor.

RESUMEN:

En la construcción de su pensamiento filosófico, Nietzsche tiene como objetivo principal a cuestionar el valor de los valores. Con este fin, el filósofo argumentó acerca de la validez de la tradición greco-medieval, que se remonta a sus raíces, con el objetivo de apoyar la crítica de que él desarrolló en relación con la moral imperante. En este sentido, Nietzsche sostiene que la tradición se ha consolidado, que impregna toda la historia de la humanidad occidental, caracterizado por la devaluación de la vida en nombre de ideales que en última instancia nos póstuma lejos de nuestro verdadero "yo". Este trabajo pretende demostrar cómo el análisis crítico de la moral occidental es válido y permite, a través de acto genealógico, un cambio en la concepción de lo que es el hombre y con ello, una nueva valoración de la vida.

PALABRAS CLAVE: Acto genealógica. Devaluación. Moral. Nietzsche. Valor.

O principal intuito ao escolher o presente tema é mostrar como a análise feita por Nietzsche sobre o valor dos valores é rica e pode colaborar para compreendermos como o homem constituiu-se até hoje; também iremos pontuar suas críticas à moral existente, a qual era vista por ele como causa de degeneração da vida e apequenamento do homem; por fim, mostraremos como o método genealógico possibilita uma transvalorização dos valores morais sobre o homem e a vida a partir da constatação de que os valores que firmavam a humanidade durante a história já não conseguem sustentá-lo na modernidade, tornando-o pequeno.

* Graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino. E-mail: franciscocmf@gmail.com.

Pensar a filosofia de Nietzsche é um ato constante de voltar o olhar para o homem, questionando-se sobre aquilo que ele acredita e diz ser verdade. O filósofo anuncia a necessidade de confrontar o homem, por meio de um ato genealógico, com a raiz dos valores e as condições pelas quais eles foram engendrados:

Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor destes valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno) um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE, 1998, § 6, p. 12).

No aforismo intitulado *Defeito hereditário dos filósofos*, Nietzsche critica ferozmente a forma pela qual os filósofos viam o homem até então:

Todos os filósofos têm em comum o defeito de partir do homem atual e acreditar que, analisando-o, alcançam seu objetivo. Involuntariamente imaginam “o homem” como uma aeterna veritas [verdade eterna], como uma constante em todo o redemoinho, uma medida segura das coisas. Mas tudo o que o filósofo declara sobre o homem, no fundo, não passa de testemunho sobre o homem de um espaço de tempo bem limitado. Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos; inadvertidamente, muitos chegam a tomar a configuração mais recente do homem, tal como surgiu sob a pressão de certas religiões e mesmo de certos eventos políticos, como a forma fixa de que se deve partir (NIETZSCHE, 2000, § 2, p. 16).

A genealogia na filosofia nietzschiana é, antes de mais nada, um ato de pôr às claras o homem, deixar de lado conceitos ideais do que ele vem a ser, para analisá-lo a partir da realidade, do mundo presente.

Nesse contexto investigativo¹, ele vê a necessidade de apresentar algumas perguntas preliminares, tais como: como nasceram as concepções morais na história ocidental? Quais condições possibilitaram seu nascimento e modificação?

No decorrer da pesquisa, a tarefa de responder a essas questões históricas mostrou-se necessária como exigência para uma nova avaliação dos valores morais.

Podemos colocar uma questão como aquela que norteia o filósofo na construção do seu pensamento: os valores da moral ocidental – com raízes na tradição greco-medieval - têm servido para o engrandecimento da vida ou têm efeito contrário, degradam-na?

¹ O filósofo, em sua investigação usa como ferramenta de trabalho a Filologia, a Fisiologia, a História, assim como a Psicologia. Para ele, a investigação genealógica é um procedimento que se dá a partir de um olhar valorativo.

Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? E que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (NIETZSCHE, 1998, § 3, p. 09).

Nesse sentido, a genealogia é para Nietzsche uma necessidade na busca de respostas para suas inquietações. Ora, é impossível compreender a filosofia de qualquer pensador a descontextualizando-a do período no qual ele viveu. É possível afirmar que, antes de mais nada, o tema da moral para Nietzsche é inquietante e mostra seu olhar visionário, pois tal tema inquieta também a nós contemporâneos. Mostrar o problema dos valores, criticar de forma radical a moral é uma das “tarefas essenciais da filosofia de Nietzsche, que ele considera nunca ter sido realizada antes” (MACHADO, 1999, p. 59). Assim,

O projeto genealógico – daí toda sua relevância e ambição – é uma tentativa de superação da metafísica através de uma história descontínua dos valores morais que investiga tanto a origem – compreendida como nascimento, como invenção – quanto valor desses valores. (MACHADO, 1999, p. 59).

A afirmação da existência de uma eternidade que permeia os valores é desacreditada por Nietzsche; para ele os valores são criados em um dado momento, sob circunstâncias ímpares que os levou a existir. Diferente da tradição filosófica, que via os valores como ontológicos, para o filósofo da Basileia estes são resultados de uma produção, criações do homem, encarnados na realidade, não possuidores de transcendência.

O filósofo, ao fazer uso da genealogia, não pretende indicar o que é verdadeiro ou falso, mas pretende, antes de tudo, por meio do ato genealógico, averiguar o valor da verdade. Ao afirmar que “tudo veio a ser; não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas” (NIETZSCHE, 2000, § 2, p. 16), ele não nega a existência de fenômenos no mundo, mas nos mostra que estes, em última análise, vêm da vontade do homem. Dessa forma, ao levantar questionamentos sobre o valor, o que a genealogia perscruta é o que o causou, e qual seu efeito na humanidade.

A genealogia deve ser caracterizada não só como uma pesquisa, uma busca pela origem dos valores, deve ser entendida, também, como uma avaliação que Deleuze caracteriza “ [...] como o elemento diferencial dos valores correspondentes: elemento crítico e criador ao mesmo tempo”,

As avaliações, referidas a seu elemento, não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam. Por isso temos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou de nosso estilo de vida. Há coisas que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar "baixamente", de viver e pensar "baixamente". Eis o essencial: o alto e o baixo, o nobre e o vil não são valores, mas representam o elemento diferencial do qual deriva o valor dos próprios valores. (DELEUZE, 1976, p. 4).

Ainda, sobre a dupla tarefa da genealogia, Marton afirma:

Não basta, contudo, mostrar que os valores foram engendrados a partir de lógicas diferentes, que foram postas por pontos de vista de apreciação distintos. Não basta relacioná-los com as perspectivas avaliadoras que os engendraram; é preciso ainda investigar de que valor estas partiram para cria-los. Na ótica nietzschiana, a questão do valor apresenta duplo caráter: os valores supõem avaliações, que lhes dão origem e conferem valor; as avaliações, por sua vez, ao cria-los, supõe valores a partir dos quais avaliam. (MARTON, 1993, p. 16).

A genealogia, assim entendida, se dá em dois movimentos indissociáveis: primeiramente, pretende apontar a relação entre os valores e as avaliações; no segundo momento, apontar a relação entre as avaliações e os valores. Não basta apontar que tais valores foram criados a partir de uma avaliação nobre, enquanto outros foram criados a partir de uma perspectiva avaliativa dos escravos². Mas, mais do que isso, busca avaliar os valores dos quais esses valores nasceram. Em suma, avaliar as avaliações que definiram valores sobre as coisas, caracterizando-as como boas ou ruins. Sobre o tema, Nietzsche afirma:

Trata-se, isto sim, de adotar um critério de avaliação que não possa ser avaliado. [...] E o único critério que se impõe por si mesmo, no entender de Nietzsche, é a vida. “É preciso estender os dedos, completamente, nesta direção”, diz ele, “e fazer o ensaio de captar essa assombrosa *finisse* – de que o valor da vida não pode ser avaliado. Por um vivente não, porque este é parte interessada, e até mesmo objeto de litígio, e não juiz; por um morto não, por outra razão” (NIETZSCHE apud MARTON, 1993, p. 61).

A vida, para Nietzsche, não é senão vontade de potência em movimento. Ele defende o mundo como sendo espaço onde forças se encontram em uma alternância constante de afirmação e negação, do qual não podemos encontrar nem o começo e nem fim. “O mundo

²Nietzsche (2009, § 260, p.190), em *Além do bem e do mal*, diz que "há uma moral dos senhores e a moral de escravos [...]". A moral dos senhores tem como base avaliativa os sentimentos de superioridade e de coragem. Ela permite que o homem aja de forma a plenificar a potência que a vida tem, criando, assim, a partir de si critérios para avaliar a vida. O nobre crê ser o responsável pelos critérios dos quais surgem os valores. Já a moral dos escravos baseia suas avaliações na igualdade e na fraqueza. O escravo fundamenta suas avaliações a partir do medo. O escravo nega a responsabilidade quanto aos valores, afirmando, assim, os valores, aquilo que é bom e aquilo que é ruim, como eternos e transcendentos.

visto desde o nosso interior, o mundo determinado e definido em seu ‘caráter inteligível’, seria justamente a ‘vontade de potência’, e nada mais” (NIETZSCHE, 2009, § 36, p. 48). Para Nietzsche, a essência da vida é a vontade de poder (1998, § 12, p. 67), e essa essência é, então, para o filósofo, em sua análise, a base de qualquer interpretação e avaliação.

De acordo como Marton:

É a vida, enquanto vontade de potência, que toma como critério de avaliação. Em ambos os registros, porém, o conceito de vontade de potência desempenha papel de extrema relevância: é o elemento constitutivo do mundo e, ao mesmo tempo, parâmetro no procedimento genealógico (MARTON, 1993, p. 64).

Como o filósofo não crê que haja fatos no mundo, mas sim uma pluralidade de interpretações para os fenômenos, que dependem da força e da vontade em ação, ele utiliza a genealogia para desvelar os vários sentidos que estão por detrás da interpretação moral tradicional.

A genealogia, ao questionar o valor dos valores, necessariamente questiona a moral que encerrava o homem moderno. Assim, “a genealogia pretende desvalorizar os valores prevalentes até então” (MACHADO, 1999, p. 60). Isso mostra que pensar genealógicamente é mudar os critérios avaliativos; a vida, dessa forma – compreendida por Nietzsche como vontade de potência – passa a ser o parâmetro valorativo das coisas no mundo.

Vale ressaltar que a análise feita pelo filósofo tem como ponto de partida o homem moderno – europeu –, o qual Nietzsche caracteriza como frágil. Nietzsche afirma que a visão do homem cansa. Ao escrever sobre a modernidade e o que ela encerra sobre o homem, ele afirma que a modernidade está construída sobre uma moral niilista que leva o homem a se tornar pequeno e desvalorizar a vida. Segundo Nietzsche:

Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, desce, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”... E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesma a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isto?... Estamos cansados do homem... (NIETZSCHE, 1998, §12, p. 13).

Nietzsche contrapõe a negação da vida que caracterizou a tradição filosófica, definida por ele como sendo vontade do nada, àquilo que ele caracterizou por niilismo. Em Nietzsche o niilismo é entendido como negação da vida em detrimento de ideais transcendentais que tiram

todo valor do mundo presente. O filósofo caracteriza tal modo de ação como niilismo negativo. De acordo com o filósofo:

Mas a própria vida é para mim o instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, o instinto do poder, onde falta a vontade de poder, há degenerescência. A minha afirmação é que esta vontade falta em todos os valores supremos da humanidade – que, sob os mais sagrados nomes, dominam os valores da decadência, os valores niilistas (NIETZSCHE, 1989, § 6, p. 19).

Tal crítica feita pelo filósofo referencia-se à raiz da moralidade moderna, ao platonismo e ao cristianismo. Ora, como dito anteriormente, o filósofo busca criticar a forma como a modernidade se consolida, mostrando que o homem durante a história se apequenou, tornando-se frágil. Quando busca compreender a modernidade, Nietzsche quer por às vistas sombras ancestrais, que pareciam ter sido extintas, mas que nunca deixaram de estar presentes. Ao negar Deus, tomou o cuidado de colocar um outro que o representasse de forma acessível ao ideal moderno. Diferente do que constataram filósofos e distintas correntes filosóficas, para Nietzsche, nesse período, não houve um rompimento radical com a antiguidade, uma vez que o ideal do qual a imagem de Deus foi criada se veste como busca desinteressada do conhecimento. Deus está morto, mas o ideal o qual ele carregava permanece e, talvez, com mais vigor. O filósofo afirma que mesmo a humanidade tendo negado a Deus, não conseguiu destruir completamente a estrutura religiosa medieval, pois ainda buscava um ideal que justificasse a vida.

Ora, tal permanência das estruturas que formatavam o indivíduo na antiguidade, de acordo com Nietzsche, se consolida também na modernidade pois nos habituamos à obediência de tal forma que esta passou a ser uma característica do homem. Constata-se isso quando observamos que o homem negou Deus como proposição reguladora, mas pôs em seu lugar, fazendo uso da ciência, a razão como lei suprema – não só no que toca ao conhecimento, mas também à moral – negando, dessa forma, como no platonismo e cristianismo, a vontade individual, criando conceitos absolutos e universais de verdade como nos períodos anteriores.

Pode-se dizer que o passado não foi negado, mas camuflado com novas vestimentas e, com isso, uma história foi contada como a única capaz de explicar como o homem se tornou possuidor de uma ‘natureza’ moral. Essa segunda natureza, criada, passou a ocupar o lugar da primeira, nossa esfera desejante que, para aquela existir, foi renegada.

O caminho feito até aqui nos permite chegar a um ponto que concerne aos vários períodos pelos quais a humanidade passou no que tange a gerir uma moral: a dominação. Ora, perfazendo o limiar da história constata-se dois fatos: o primeiro, que em certos momentos foram criadas ideias do que vem a ser o homem; o segundo, que sempre houve uma negação dessas criações, tornando a ideia de homem algo eterno e transcendente. Nietzsche não nega a validade da construção social vinda da antiguidade, porém, o que ele adverte e nega é que aquela continue sendo absorvida de forma inquestionável.

Compreender o projeto filosófico nietzschiano coloca a genealogia de forma a ser um preâmbulo para seu objetivo último, a transvaloração dos valores. Somente ao considerarmos o passado compreendemos o movimento no qual nós mesmos nos encontramos (BURCKHARDT, 1961). Dessa forma, mais que um método do qual Nietzsche fez uso, a genealogia é parte fundamental para que seu projeto filosófico tenha se tornado o que é. A partir de sua busca pelas raízes da moralidade reguladora da modernidade e crítica dos valores dos quais esta foi criada, Nietzsche nos aponta que o homem nada mais é do que uma ilusão efêmera lançada no fluxo do devir.

Nietzsche aponta que a forma como se pensou o homem até a modernidade está em ruínas, já não o sustenta no período moderno. É urgente para o filósofo que surja uma nova imagem do homem, pois a conhecida, até então, dava seus últimos suspiros. O que ocorre na modernidade é o desfalecimento do homem. De acordo com Hall,

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p.6).

O projeto transvalorativo de Nietzsche consiste em uma inversão da forma pela qual se avalia e valora o homem e a vida. Se a forma pela qual a tradição valorava as coisas se dava em um movimento vertical, ou seja, nos aponta a origem dos valores sempre para cima, para fora do mundo, transcendente, o que o filósofo propõe se dá em um movimento vertical, fundado no mundo e na vida presente. A essência de seu projeto é opor aos valores superiores e eternos a vida como ponto fundante da condição de avaliação e criação de valores. Isso possibilita, pois, novas possibilidades de vida. Através de Zarathustra ele exorta:

Meus irmãos, permanecei fiéis à terra com toda a força de vossa virtude! Sirvam ao sentido da terra o vosso amor dadivoso e o vosso conhecimento. A tanto vos rogo e a tanto vos conjuro. [...] Que vossa inteligência e a vossa virtude sirvam ao sentido da terra, meus irmãos, e o valor de todas as coisas será renovado por vós. Para tanto, deveis ser combatentes! Para tanto, deveis ser criadores! (NIETZSCHE, 2008, p. 110).

Nietzsche, como um artesão, cunha um novo peso, pelo qual a vida possa ser medida. O ato genealógico é, neste sentido, como que o momento que o artesão estuda a matéria a ser utilizada para a criação de uma obra, pois a partir dessa observação é que surge a consciência daquilo que é necessário para a composição de algo belo. Nosso filósofo pretende devolver à vida a beleza. Em *Assim falou Zaratustra* vemos:

Sobre cada povo está suspensa uma tábua de valores. E vede: é a tábua do triunfo de seus esforços; é a voz de sua vontade de potências. [...] Avaliar é criar. Ouvi, criadores! Avaliar é o tesouro e a jóia de todas as coisas avaliadas. Pela avaliação se dá o valor, sem a avaliação a noz da existência seria oca. Ouvi, criadores! A transmutação dos valores é a transmutação do que cria. Sempre o que cria precisa destruir. (NIETZSCHE, 2008, p. 86).

CONCLUSÃO

O projeto filosófico nietzschiano mostra a coragem com que o filósofo se punha diante da realidade na qual o homem se encontrava. Como um artesão que percebe incoerências em uma obra, Nietzsche vê a necessidade da destruição para que algo novo seja gerido. Destruir a moral metafísica para fazer retornar à vida o peso pelo qual o mundo e a própria vida são pesados, eis a nova necessidade e projeto empreendido por Nietzsche.

Ao nos debruçarmos sobre esta questão, analisando de forma mais aprofundada o tema cujas linhas gerais procuramos traçar, nos interessa, sobretudo, como dissemos no início, ressaltar sua pertinência filosófica, mostrando como a análise feita por Nietzsche, por meio do ato genealógico, constitui uma das possibilidades para se pensar uma das questões mais prementes da ética contemporânea, o problema dos valores.

REFERÊNCIAS

BURCKHARDT, Jacob. **Considerações sobre a história**. Tradução Leo Gilson Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução Ruth Jofilly Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo: anátema sobre o cristianismo**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.